



POSSIBILIDADES DE UMA FILOSOFIA NACIONAL

Marco A. Barroso

Graduado em Filosofia pela UFJF

Aluno do curso de especialização em Ciência da Religião – UFJF

Membro do Núcleo de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos - UFJF

marcoabarroso@yahoo.com.br

Antes de iniciarmos o estudo que propomos gostaríamos de levantar um parêntese. O de que a melhor compreensão de todo o pensamento gerado na América Latina possibilitaria a agilização das relações estratégica com aqueles que são, ou deveriam ser, nossos maiores parceiros na construção de uma Ibero-América, de fato, livre e independente. Pois caso não se tenha percebido, ainda, (o que duvido muito) este foi o instrumento utilizado pelos dominadores em todos os tempos, e principalmente os surgidos no século XX. Caso patente é o dos Norte-americanos que adotam a política do compreender para dominar, gastando altas somas de dinheiro em suas universidades em centros de pesquisa para o

pensamento Latino Americano.

Falar sobre a possibilidade de uma filosofia nacional, a princípio, pode aparentar algo estranho, pois uma filosofia deveria ser filosofia e pronto. Todavia há aqueles que alegam que para que um pensamento seja considerada uma filosofia esse pensamento deva ser original. Mas o que é originalidade? Há também aqueles que alegam que o pensamento surgido, principalmente, na América latina não passa de mera reprodução do europeu. Existe, todavia, uma gama de pensadores que discordam de tais idéias e que defendem a possibilidade de que em terras latino americanas também batem as asas da ave de Minerva em pensamentos vigorosos.

É para expor a posição de alguns desses homens e a metodologia criada por eles para defender a possibilidade de uma filosofia nacional que dedicaremos a primeira parte de nosso artigo. Em um primeiro instante abordaremos o problema das filosofias nacionais na conjectura culturalista presente de forma destacada no cenário filosófico brasileiro, em um segundo momento propomos ligação deste pensamento à visão do filósofo espanhol José Luis Gómez-Martínez e sua proximidade com o pensamento de José Ortega y Gasset.

O culturalismo e a filosofia no Brasil

Temos que a questão das filosofias nacionais, principalmente o problema da filosofia brasileira, tem sido discutida intensamente pela corrente filosófica do culturalismo, notadamente por Miguel Reale, Antônio Paim, Ricardo Vélez Rodríguez, Leonardo Prota entre outros. Mas o que seria o culturalismo?

“O culturalismo é a escola neokantiana de Baden que defendia a mudança da característica homogênea e imutável das categorias Kantianas, criando categorias mutáveis que nasceriam continuamente de acordo com os

valores geográficos e históricos.”Sob a influência de Heidegger e devido à nova noção de física colocaram em xeque a própria natureza apriorística do espaço e do tempo, os revelando como entidades que estão dentro do homem de forma dinâmica.” [Tondinele, 2005:404]

Encarada desta forma a categoria da universalidade, exigida às filosofias, “não é de uma perspectiva filosófica, detentora da verdade universal, mas da possibilidade contínua do homem reler seus fundamentos,..., propondo mudanças e construindo novos paradigmas. A universalidade não é da pergunta, pois esta é mutável de acordo com a história, mas da possibilidade de fazê-la.” [idem: 404-5].

Portanto, a originalidade advém de uma discussão gerada no seio de um grupo cultural, e da necessidade questionadora desse grupo e do desenvolvimento do poder de criação filosófica de cada pessoa. “A filosofia é própria quando não é cópia, mas quando é um projeto de criação cultural autêntica, próprio do íntimo do homem”. [idem: 405]

OS CULTURALISMOS BRASILEIROS E SEU MÉTODO FILOSÓFICO

Para Antônio Paim os sistemas nascem da necessidade de fundamentar um mundo que a experiência torna fenomênico, e do compromisso com a verdade, mas a história da filosofia veio nos mostrar que o processo de criação filosófica não se restringe apenas a esses, que outras formas de explicar o mundo existem e precisam ser consideradas [carvalho, 2000;01-02]. Seriam estas outras formas as perspectivas e os problemas.

As perspectivas correspondem a uma visão irreduzível da realidade, cujos dois grandes exemplos seriam: as perspectivas platônica e kantiana, e a

opção por uma delas superaria as estruturas racionais, sendo os sistemas um esforço para estruturar a totalidade do saber sob uma perspectiva. [Carvalho, 2000:02]

Antônio Paim considera, porém, que os sistemas são formas passageiras, ficando os problemas que as animem, sendo que:

“Os problemas emergem do curso histórico concreto e estão relacionados aos desafios que cada tempo impõe ao homem e tem a duração maior que os sistemas, (...). É como reflexão em torno dos problemas que a meditação filosófica mostra-se a realização de um processo, continuando pelo tempo.” [idem; idem].

Ao falarmos de filosofias nacionais não estamos, portanto, falando de um pensamento que sirva apenas a um povo, nada seria mais contrário à filosofia. Como afirma José Maurício de Carvalho, em seu livro “*Curso de Introdução à Filosofia Brasileira*”: “A filosofia tem em suas raízes a pretensão de ser um saber universal (...). No entanto, pela preferência que dá a determinados problemas, em virtude de certa sensibilidade a eles, desenvolvem-se as filosofias nacionais” [2000; 02]. Sendo o supra escrito retrato claro do pensamento culturalista exposto anteriormente.

Encontramos, ainda, em “*Tópicos especiais de filosofia moderna*” [Vélez Rodrigues; 1995; 12] do professor Ricardo Vélez Rodrigues citação a Eduardo A. Soveral que traça baseado em análise fenomenológica o que, no entendimento desse, deve ser as linhas mestras na busca de uma metodologia filosófica para o estudo das filosofias nacionais. Vejamos, pois quais são:

- (a) *Determinação de filosofemas;*
- (b) *estudo da formação histórica desses problemas;*

(c) *determinação do desenvolvimento lógico historicamente dado a este problema;*

(d) *consideração do desenvolvimento histórico dado à vigência dessas soluções nos vários contextos sociais;*

(e) *apreensão das novidades que implicam a formação de novos filosofemas e/ou a reformulação dos já existentes;*

(f) *explicação das articulações que determinam os novos filosofemas ou sua reformulação;*

(g) *determinação dos novos filosofemas e/ou suas modificações.*

A Busca Pelas Filosofias Nacionais Fora do Brasil

Inúmeros são os pensadores latinos americanos e também Ibéricos que se dedicam no garimpo árduo das filosofias nacionais e por isso nos dedicaremos nesta parte de nosso trabalho ao pensamento de José L. Gómez-Martínez, filósofo espanhol - de influência orteguiana - em seu livro “*Bolívia, um povo em busca de sua identidade*” [1988], do qual pretendemos expor, a seguir, uma síntese de sua metodologia.

BOLÍVIA, UM POVO EM BUSCA DE SUA IDENTIDADE.¹

No início de seu estudo sobre o pensamento ibero americano, José L. Gomes Martinez, levanta a impossibilidade de se estudar este pensamento - o ibero-americano e principalmente o boliviano - com categorias criadas para outros povos, europeus, bem diferentes de nossa realidade.

A adaptação de tais categorias de valores vê a possibilidade da filosofia

¹ [As colocações que se seguem foram baseadas no livro “*Bolívia: Um pueblo en busca de su Identidad, La Paz: Los Amigos del Libro, 1988* . Para melhor fluência da leitura nos remeteremos apenas as páginas quando olver citações]

ibera americana apenas como adaptação das filosofias européias, negando a existência de um pensamento autóctone em terras latino-americanas. A argumentação usada para defender a idéia de uma impossibilidade filosofante em terras latino-americanas é a de que seríamos uma extensão da história da filosofia européia, e por conseqüência de sua cultura.

Todavia, para José Luiz Gomes Martinez, o estudo mais apurado das relações América-Europa e do próprio país, ao qual se pretende como foco do estudo da filosofia, desmente esta possibilidade. Vejamos o caso Boliviano [p. 33] *“que até por volta da década de 50 do século XX, possuía uma população de maioria indígena e que em grande parte não falava espanhol, pretender que esta cultura, até meados do século XX, estava inclusa nas formas culturais do ocidente é desconhecer sua realidade.”*

O MÉTODO

Sugere, então, o autor um método próprio para a leitura da história do pensamento ibero-americano.

O primeiro passo para se estudar o pensamento nascido em terras latino-americanas deve ser situar este pensamento, pois diz Gomes-Martinez: *“parto da convicção de que todo pensador responde a uma circunstância concreta.”* [p.33]. Porém para desenvolver este conceito de circunstância, primeiro “é preciso desenvolver em toda sua complexidade” o que é denominada circunstância e suas relações com o homem.

Situado o homem em um determinado espaço e tempo, temos o primeiro passo para sua independência cultural. Embora haja muitos pontos de vista pessoais - o que para Ortega y Gasset parece se a única possibilidade de observar-se o mundo em sua verdade - deve buscar o que há de comum entre eles para encontrarmos aí as circunstâncias que envolvem os homens, pois embora com um colorido pessoal, este se encontra restrito e forçado a viver em uma realidade

concreta na qual é convocado a intervir, caracterizando assim como dinâmica a história.

A MORADA VITAL

Aparece agora no texto uma nova denominação par ao termo circunstância, que doravante chamar-se-á morada-vital.

A morada vital é o horizonte de possibilidades e obstáculos íntimos e exteriores, que surgem da relação dinâmica de troca entre indivíduo e sociedade.

A participação do indivíduo no desenvolvimento da morada vital se dá de dois modos diversos: na transmissão das tradições onde se coloca, inconscientemente, como um membro passivo; ou participante ativo, *“quando depois de analisar o que herdara decide em sua aceitação ou recusa. O homem vive o herdado e só participa como indivíduo enquanto toma consciência de viver no herdado”*. [p. 37]

As crenças

Surgem então as crenças, ou seja, tudo aquilo que herdamos (leitmotiv) como povo e formam o ponto de vista com o qual percebemos o mundo. Todo homem está, pois, envolto em uma morada vital composta de crenças que formam um horizonte de possibilidades e obstáculos onde só o homem enquanto indivíduo que toma consciência dessa realidade se encontra capacitado para alargar estes horizontes. Toda crença começa como uma idéia individual e, portanto como reação frente a uma morada vital. Assim para o estudo das idéias de um povo, o primeiro passo será estabelecer quando (tempo) e como (espaço) foi formada a morada vital deste povo. Estudando especificamente o caso boliviano, Gómez Martínéz, percebeu que:

“as idéias que possuem valor, as que verdadeiramente importam, são as que surgindo do seio das próprias crenças, chegam elas mesmas a instalar-se na morada vital e funcionar como crença.”[p.41].

Sendo esta uma afirmação passível de generalização no estudo dos demais povos.

Como exemplo, cita a crença da impossibilidade da educação do índio até princípios do século XX na Bolívia. As primeiras idéias em torno da educação indígena surgiram nos fins do século XIX, mas não alcançaram o estatuto de crença, não obtendo assim repercussão na morada vital deste povo. Tais idéias só iniciariam sua trajetória positiva a partir de Alcides Argüias no início do século XX, em uma lenta tomada de consciência do povo boliviano.

Este pensamento se aproxima de forma direta das colocações de José Ortega y Gasset e do filósofo alemão Martin Heidegger sendo a morada vital algo como a clareira do ser e que são expressas pela cultura deste. Para Heidegger: *“...Os poetas conferem identidade a um povo. Como Homero e Hesíodo eles trazem a um povos seus deuses e com isso fundam costumes e moral. Os poetas são verdadeiros inventores da cultura de um povo...”* (Safrank, 2000)

Estendendo o pensamento do biógrafo de Heidegger, em seu comentário sobre os poetas, para todos aqueles que exercitam-se na profissão literária podemos dizer que a citação, acima colocada, se encaixa perfeitamente com o pensamento de Ortega y Gasset, embora seja um comentário sobre Heidegger.

Encontramos em Gasset um homem preocupado com a cultura. Mas por que tal preocupação? Talvez possamos encontrar resposta a esta indagação em uma outra pergunta: O que é a Espanha ?A Espanha não é uma linha geográfica que a

define(...). Mas o que é a Espanha ? *A Espanha é a rigor uma obra...*

Vemos nesta resposta, a *Espanha é a rigor uma obra(...)*, a crença, de Ortega, que o espírito de um povo se expressa por sua literatura cultura e que, conseqüentemente, os porta-vozes deste espírito seriam os homens que se dedica a influenciar a morada vital. Vejamos como Gasset expõe suas idéias:

“Como el político, es el escritor consustancialmente hombre público. No cabe ignóralo. Por otra parte, su acción es puramente virtual; no puede esperarse de ella ningún beneficio terreno... Ambas condiciones juntas dan un valor muy puro y característico a la reacción que en una u otra sociedad suscite el gremio literario”(Gasset, p.128)

Nas passagens acima citadas Ortega nos lembra que escritores são homens públicos e de influência, como políticos, mas que este poder de influenciar é virtual e variável entre as sociedades. O poder do literato esta ligado a capacidade de um povo criar e adquirir cultura, e é isto que Gasset tentará demonstrar nas próximas passagens. Vejamos:

“Em Francia tiene el escritor un poder social fabuloso. Relativamente, mayor, mucho mayor que el político(...) el otorgamiento de poder social al escritor non se origina em imposición ni necesidad ninguna ; es una generosa reacion de la sociedad... Muito diferente e o destino do escritor na Inglaterra(...). A sociedade inglesa, como maça total, se ocupa muito poco do literato e apenas si aitende al hombre de ciencia. Uno y otro gozan, pues, de escassísimo poder social. [A sociedade inglesa] No es una sociedad, sino más bien una articalacion de muchas sociedades, cada una de las cuele lleva una exitência relativamente

independente.” (Gasset, p.128)

Ortega coloca comparativamente a sociedade francesa, com seus escritores respeitados e admirados, frente a sociedade inglesa a qual ele denomina de “articulação de muitas sociedades” para exprimir, a nosso ver, sua tese de que o espírito de um povo se expressa por sua literatura e cultura. Vejamos pois, a sociedade francesa produz grandes escritores que são mais respeitados que os políticos, isto porque as obras destes escritores refletem a estruturação de uma totalidade coesa chamada sociedade francesa. Já em solo inglês o escritor goza em “*la esfera de su círculo de una posición saludable que , (...), non se puede llamarse poder social.*” Quando Ortega se refere a círculos ele quer dizer que este literato expressa muito bem o pensamento de uma determinada parte, das várias, que formam o povo inglês, exprimindo assim não o espírito de um povo, mas apenas de um círculo restrito.

BIBLIOGRAFIA

CARVALHO, José Maurício de, *Curso de introdução a filosofia brasileira*. Londrina: CEFIL: UEL, 2000.

GÓMEZ-MARTÍNEZ ,José Luiz, *Bolívia: Um pueblo en busca de su Identidad*. La Paz: Los Amigos del Libro,1988 .

MACEDO, Ubiratan de, *A reabsorção da circunstância em Ortega y Gasset* in: anais do 2º encontro nacional de professores e pesquisadores de filosofia brasileira. Londrina, 1991 II vol. Pág.57.

ORTEGA Y GASSET, José, *Espanha Invertebrada*. pág. 128.

PAIM, Antonio, *Possibilidades e limites de uma filosofia latino americana*. La Filosofia em América, tomo I , Caracas, Julho de 1979. [trabalho apresentado no 9º congresso internacional de filosofia]

SAFRANK, Rüdiger, *Heidegger um mestre na Alemanha entre o bem e o*